

## ATA DO GT DE RETORNO

Aos vinte e dois dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte, professores e técnicos administrativos em educação do Colégio Pedro II - *Campus* Humaitá II se reuniram remotamente para tratar de questões relativas ao retorno das atividades. A Diretora-Geral Soraya Sabah iniciou a reunião dizendo que no penúltimo Colégio de Dirigentes do Colégio Pedro II (CODIR) foi discutida como ficaria a questão para os alunos da terceira série e dos alunos do nono ano. A professora Isabela Faria alertou que a Equipe de Química discutiu que a aprovação da terceira série deve acontecer, mas com o direito de que esse aluno possa cursar a série no ano seguinte se for da sua vontade. Daniel de Barros, do Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), alertou que muita coisa deve ser pensada sobre o retorno às atividades e sobre uma possível parada, pois isso envolve uma situação complicada, com perdas sofridas pelos alunos e por servidores. Isabela comentou que existem condições mínimas que devem ser seguidas para que a escola volte a funcionar. Sendo que essa volta deve ser gradual, com quantitativo de alunos reduzido e seguindo protocolos de saúde. Afonso de Miranda (Educação Musical) reiterou a necessidade de protocolos de saúde e de treinamento com os servidores para que o correto funcionamento possa ocorrer. Perguntou à Soraya se já tem um norte sobre quem voltará primeiro, como será feito este retorno etc. Soraya afirmou que não há nenhuma diretriz quanto ao retorno das atividades e que no CODIR foram discutidas apenas as questões das Unidades de Aquisição de Serviços Gerais (UASGs). Carolina Vilela (Geografia) disse que entende que o grupo foi criado para pautar justamente algumas dessas questões discutidas e pede que seja dada uma estruturação para o grupo, como a definição da periodicidade das reuniões. A docente propôs rodízio de dias a serem realizadas as reuniões e também que o espaço seja utilizado para pensar as possibilidades de retorno para o segundo semestre, além de oferecer alternativas para os alunos que não sejam as aulas presenciais. Carolina ressaltou a importância se resolver o problema da exclusão de alunos (que não têm acesso à internet). Ana Paula Loureiro (Inglês) comentou que pelo menos até setembro não deveríamos oferecer aula presencial, pois estamos lidando neste momento com vidas e com uma possibilidade de reabrir e fechar novamente, ainda que já existam protocolos. Concordou com Carolina, e defendeu que na impossibilidade de aulas presenciais, alguma atividade deve ser oferecida, minimizando ou mesmo eliminando o problema da exclusão de alunos que não tem acesso ao ensino remoto. Bernardo Barreto (Filosofia) iniciou a

fala dizendo que ainda é confusa a estruturação do GT, mas trouxe uma proposta: estabelecer critérios para o retorno das atividades e para uma nova parada, se for o caso. O Bernardo justificou sua fala lembrando que imaginou que esse GT fosse para discutir isso, pois até o momento não haverá Ensino a Distância (EAD) no colégio. Ele observou ainda que existem critérios que devem ser estudados para saber se o retorno é possível ou não e que algumas perguntas devem ser respondidas para embasar por que não é aconselhável o retorno. A assistente de alunos e chefe do Setor de Organização Escolar (SOE), Mariana Jardineiro, informou que durante as reuniões sua equipe apontou alguns empecilhos para o retorno das atividades presenciais. Ela ressaltou que não tem como se pensar apenas nas dinâmicas dentro do colégio, mas, sim, em tudo que envolve o retorno, principalmente no meio externo, como o deslocamento dos alunos e servidores pelo transporte público. O professor Fred (Frederico Rodrigues), de Física, complementou a fala da Isabela. Os alunos da terceira série não podem ser prejudicados quanto à aprovação, mas também devem ter um subsídio pedagógico para quem quiser retornar. Disse que é complicado retornar às atividades sem oferecer alguma atividade para os alunos, mas é também complicado assumir o EAD depois de 3 meses sem dar aulas. Segundo Fred, é preciso ter cuidado quanto a isso para que não cair em uma incoerência. Cláudia Monteiro, diretora pedagógica do campus, concordou que deve haver uma estruturação e organização do GT para alinhar informações que deverão ser levadas para o GT Central. A diretora falou da diferença entre EAD e ensino remoto emergencial. A diretora questionou se a saída não seria a adoção do ensino remoto emergencial para retomar vínculos com os estudantes e pensar em uma melhor maneira para atender esta emergência. Cláudia também concordou com Bernardo quanto à obtenção de bases norteadoras (portarias, leis etc...) para pautar as decisões que serão tomadas. Opinou ainda que é preciso otimizar o GT para se obter propostas concretas. Uma necessidade que se impõe, enfatizou, é saber quais alunos não têm acesso à internet e pensar em como esses alunos poderão ser incluídos. Daniel disse que é preciso ser realista, pois não temos perspectiva de melhora da pandemia da Covid-19 e o colégio não terá apoio oficial neste momento. Ele concordou que é preciso organizar o grupo de forma objetiva. Sugeriu a formação de subgrupos e utilização do GT para juntar as ideias. Os subgrupos debateriam temas como: condições de retorno às atividades presenciais, funcionamento da escola no retorno, critérios para novas suspensões de aulas e oferecimento de atividades durante a suspensão das atividades presenciais. Segundo Daniel, os subgrupos tornariam o GT mais operativo. A professora Zélia Tomaz (Geografia) disse estar perdida quanto essa questão

do retorno. Ela propôs a criação do GT de série para sugerir trabalhos interdisciplinares. A professora também ressaltou que um possível retorno às aulas no verão seria insuportável por conta do calor, que aumentaria com o uso de máscaras, por exemplo. Zélia também defende que a terceira série deveria ser a primeira a retornar às aulas. Outra sugestão da docente é a adoção de um professor conselheiro que acompanhasse um grupo de alunos para dar suporte aos demais, inclusive para levantar informações sobre acesso à internet. Renata dos Santos (História) entende que é importante pensar no que o Daniel apontou. Ela defendeu a importância de ser frisar que o conteúdo ministrado de forma remota não será EAD e, sim, um ensino remoto emergencial e que este, por sua vez, não terá necessariamente o comprimento do conteúdo programático, do currículo propriamente dito, mas uma pedagogia do afeto. A docente frisou ainda a importância de se pensar em uma nova forma de ensino-aprendizagem. Érika Lourenço (Desenho) disse que sua fala foi contemplada pela fala do Daniel, da Zélia e da Carolina. A docente acredita ser importante que os departamentos façam colegiados agora para se preparar para o momento da volta às aulas. Erika acredita que deve haver cuidado com as atividades que possam ser colocadas de forma remota. Jeovana Sá, do Setor de Orientação Educacional e Pedagógica (SOEP), comentou que houve uma reportagem sobre o fato de o Colégio Pedro II e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) não oferecerem aulas online e que uma mãe de aluno se queixava de que não encontrava conteúdos sólidos nos sites do colégio. Ela disse ainda que a impressão que tem é de que os pais clamam por um retorno não necessariamente presencial, mas algum recurso que seja remoto. Segundo Jeovana, os pais estão com medo de que os alunos tenham que voltar e possam ser expostos ao vírus da Covid-19. O que os pais querem, na opinião da técnica, são opções para os alunos, alguma assistência, estratégias. Ela ressaltou que não deve haver EAD e, sim, um ensino remoto emergencial. Mas ressaltou que é urgente se pensar em estratégias. Sérgio Simões, médico do Gabinete de Saúde, informou que a unidade médica solicitou um protocolo único para o Colégio Pedro II. Disse ainda que o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) foi o único que publicou um protocolo de retorno, mas que ainda não está completo. O médico disse ainda que é preciso dar uma resposta segura aos pais que estão com receio. Ressaltou, no entanto, que possivelmente o colégio não terá condição de dar essa resposta. Ele observou que tudo tem que ser muito pensado, pois os cuidados não são cumpridos por todos. Quanto ao protocolo sanitário, Sérgio informou que está sendo realizado, mas tem muitas coisas que devem constar no documento para dar segurança às pessoas. Leandro Souza (Artes Visuais) disse que é importante entender

as boas experiências que outros *campi* estão adotando para se ter uma base e aproveitar algumas ideias. Ele concordou com a Renata quanto a necessidade da pedagogia do afeto no retorno. Tem receio de que o ensino remoto emergencial contribua também com a exclusão dos alunos. Carolina gostou da ideia dos subgrupos temáticos e frisou que o GT do retorno não é o retorno das atividades presenciais necessariamente. Ela disse que concorda com o ensino remoto emergencial, que é preciso trabalhar pelo menos com o mínimo de conteúdos possíveis. Ela acredita que o Whatsapp seria um dos melhores caminhos. Observou ainda a dificuldade de se pensar em protocolos sanitários únicos, pois as realidades dos *campi* são diferentes. Também ressaltou que o que vem sendo discutido no GT seja comunicado à comunidade escolar. Cláudia pontuou que, independentemente dos subgrupos, as questões são muito amplas. Em relação ao EAD, ressaltou que jamais acontecerá com improviso. Quanto à alta valorização do conteúdo neste momento, disse que é algo inviável. Por fim, a diretora sugeriu a adoção de atividades que estejam dentro dos pontos nodais e que não precisam ser em formato de aulas tradicionais. Daniel concordou com a fala da Carolina, principalmente quanto à utilização do Whatsapp. Ele disse considerar uma das principais questões agora, mais do que o conteúdo, a ajuda à comunidade escolar na parte psíquica e emotiva. Daniel disse que não tem perspectiva de retorno neste ano e enfatizou que o principal é a atenção psicossocial, que preciso cuidar da comunidade escolar. Diego Mota (Ciências e Biologia) disse que todos foram coerentes nas suas colocações e frisou que o papel da escola será o de cuidar das pessoas, mais do que o conteúdo. Ele acredita que o mais importante é os alunos não perderem o contato com o ato de aprender, mas ressaltou que os professores devem disponibilizar conteúdos para os alunos sem pressioná-los. Nathália Cardoso (Português) disse ser importante os subgrupos para acelerar os processos de discussão e ressaltou que é bom colocar como posição do colégio que programa não deve ser seguido à risca. Ela ressaltou, ainda, a importância de as ações terem como base as atividades interdisciplinares. Nathália avaliou ainda que a ideia de mandar conteúdo pelo Whatsapp é ótima, pois é mais fácil os alunos acessarem essa ferramenta. Soraya respondeu ao Heyk Pimenta (Sociologia) que perguntou sobre a reprodução de cópias, e afirmou que no momento não há como pedir para as pessoas que trabalham neste setor realizarem esse trabalho. Soraya perguntou como os subgrupos serão montados. Carolina propôs dois subgrupos, sendo um pedagógico e um que pensaria as questões mais práticas (dinâmicas de funcionamento do *campus*). Ficou combinado que pessoas do GT migrassem para o grupo sanitário que já existe no colégio e que fosse criado outro

subgrupo pedagógico e depois as ideias gerais seriam discutidas no GT principal. Será encaminhado um e-mail para que as pessoas se insiram nos subgrupos respectivos. A próxima reunião foi marcada para a próxima segunda-feira, 29 de junho, no mesmo horário. Soraya terminou a reunião agradecendo à participação de todos.